

Metade do céu

Há o céu abaixo no poço, um disco perfeito do azul. Um pequeno pedaço-da-lua encontra-se refletida nela, inclinando-se sobre a borda para olhar como se no rosto de um estranho se trata. O céu olha para ela e ela olha para o céu.

Há o céu tremendo no poço. O balde rompeu sob ele. As suas mãos estão transportando a riqueza da água tirada. O céu sabe que vai pagar por isso. O céu olha para ela e ela olha para o céu.

O peso do céu sobre a sua cabeça, e as milhas para conduzi-lo. As pernas curvas, os ossos moles derretem, joelhos impulsionadas em direção ao chão antes do seu tempo. O céu olha para ela e ela olha para baixo.

No balde, o céu torna-se bronzeado, pesado, de coração pesado, sente a onda de uma criança dentro da criança, formando entre as ancas não formadas.

E ela está carregando o peso do céu. O céu olha para ela e ela olha para o céu.

E ela está carregando meia verdade.
E ela está carregando meia mentira.
E ela está carregando metade do amanhã.
E ela está carregando metade do céu.

Imtiaz Dharker

Tome uma ação em: plan-international.org/girls



Zainabu – Ativista dos direitos da criança num campo de refugiados no Níger.
MEERI KOUTANIEMI

SUMÁRIO EXECUTIVO

Por Ser Menina

O ESTADO DAS MENINAS DO MUNDO 2015

OS ASSUNTOS PENDENTES DOS DIREITOS DAS MENINAS





MEERI KOUTANJEMI

“Os meus pais não me dão valor ou reconhecimento. Eles apenas elogiam o meu irmão.”

Menina, 15, Nepal

Este comentário de uma menina de 15 anos de idade no Nepal ecoa um pouco por todo o mundo em muitos países e em muitas circunstâncias diferentes. É a falta de “valor” que está na base da luta pela igualdade de género, que, apesar de séculos de ativismo, tem-se revelado uma meta distante. Apesar de legislações e convenções internacionais que protegem os direitos de meninas e mulheres, as práticas nefastas e expectativas sociais têm mantido gerações de meninas com firmeza “no seu lugar”.

Em 2007 a Plan Internacional lançou uma série de relatórios sobre o “Estado das meninas do mundo”. Tudo começou com uma mensagem simples mas comovente: a dupla penalização de ser jovem e do sexo feminino significa que as meninas recebem um tratamento injusto. Ao longo dos anos a evidência mostrou que, apesar das conquistas do movimento pelos direitos das mulheres, milhões de meninas em todo o mundo estão sendo condenadas a uma vida de pobreza e desigualdade. As mulheres tornaram-se presidentes e primeiras-ministras, cientistas, artistas, atores e diretores executivos; elas dirigem países, empresas, jornais e faculdades. Mas ainda em 2014 uma menina dos Camarões poderia afirmar que “as meninas são como servas de meninos e homens. Os seus problemas não importam realmente.” E em 2012 outra menina poderia ser baleada por se atrever a ir para a escola e falar sobre o seu direito de fazê-lo.

O ritmo da mudança

2015, o ano-alvo para os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), também marca o 20º aniversário da histórica Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres, em Pequim, um dos maiores encontros de sempre de mulheres, e um ponto crítico no foco do mundo na igualdade de género. Olhando para trás, é motivo de comemoração, mas também frustração: pelo ritmo, que tem sido muito lento, e com os esforços, muito fragmentados e desiguais. Claro, há progressos: quatro milhões de mortes infantis foram evitadas nas últimas quatro décadas, graças ao aumento das mulheres na educação a nível global.¹ Há mais constituições e estruturas legais que têm em atenção as mulheres. Há menos mães que morrem no parto agora do que qualquer outra

¹ Gakidou, Dr emmanuela, Krycia Cowling, BS, Prof Rafael Lozano, MD, Prof Christopher JL Murray, MD. ‘Aumento da realização educacional e seu efeito sobre a mortalidade infantil em 175 países entre 1970 e 2009: uma análise sistemática’ *Lancet* 376 (18 de Setembro de 2010.), [http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PiiS0140-6736\(10\)61257-3.pdf](http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PiiS0140-6736(10)61257-3.pdf) ² Cada mulher cada criança. “Salvando Vidas, Protegendo Futuros: Relatório de progresso sobre a Estratégia Global da Saúde para Mulheres e Crianças 2010-2015” cada mulher cada Criança de 2015. ³ UNESCO. ‘Relatório de Monitoramento Global de Educação para todos 2015: conquistas e desafios.’ UNESCO, 2015.

época na história; a taxa de mortalidade materna diminuiu em quase 50 por cento desde 1990.² Mais meninas estão a matricular-se na educação primária do que nunca.³ Meninas adolescentes em particular- têm, nos últimos anos, ganho atenção crescente no seio da comunidade internacional de desenvolvimento. A medida que questões complexas envolvendo, criança, casamento precoce e forçado, a mutilação genital feminina e violência baseada no género estão a ser reconhecidas como barreiras tanto para o bem-estar e redução da pobreza, os governos, a sociedade civil e o setor privado estão cada vez mais a alocar recursos e orientar as políticas para reduzir estes abusos.

A medida que os ODM chegam ao fim do seu tempo previsto, há uma oportunidade renovada para incorporar adequadamente a transformação das relações de género nas estruturas subjacentes da nossa sociedade. Com um maior consenso em torno dos benefícios económicos do empoderamento das mulheres e meninas tem havido uma campanha para colocar a igualdade de género no centro da nova agenda de desenvolvimento sustentável como um princípio que sustenta tudo o resto. É fundamental que a implementação da nova agenda de desenvolvimento faça as ligações e reconheça que a pobreza está enraizada na desigualdade, exclusão baseada no género e injustiça. É a interação complexa de relações desiguais de poder e práticas discriminatórias que constitui o maior desafio para alcançar o desenvolvimento sustentável e ético nas sociedades e comunidades.

‘Nós vamos mudar o mundo’

Este ano demos a tarefa de avaliar o estado de meninas do mundo a muitas pessoas diferentes em todo o globo. Os autores nem sempre concordam uns com os outros, ou com a sua editora, mas queremos capturar a discordância e discussão, otimismo e pessimismo, e tentar ver as meninas do mundo a partir dessas diferentes perspetivas. As contribuições vêm de jornalistas, poetas, políticos, ativistas, líderes empresariais, economistas e académicos. Também vêm da Colômbia, Honduras, Guatemala, República Dominicana e El Salvador, a partir do Paquistão, Serra Leoa, Austrália, Etiópia, Suécia, França, Canadá, Nigéria, Afeganistão, Reino Unido, os EUA, e do Egito; o trabalho inacabado dos direitos das meninas é abordado de várias formas e em muitas vozes diferentes.

Há poesia de imtiaz Dharker, um conto de Joanne Harris, uma foto de Liya Kebede. Pedimos a comentarista económica Katrine Marçal para refletir sobre o nosso relatório de 2009 “as meninas na economia global” e temos uma contribuição sobre o assunto de Indra Nooyi. O presidente Jimmy Carter assumiu o tema de trabalhar com homens e meninos, assim como quatro campeões de mudança da América Latina - Yelsin, Kevin, Kendir e Elmer. Mariane Pearl usa a sua experiência como jornalista e ativista para esclarecer o tema das meninas em zonas de conflito internacional; a ex-primeira-ministra da Australia Julia Gillard, escrevendo sobre a educação de meninas, diz-nos: “a realidade na maioria dos países em desenvolvimento é que a desigualdade de género é apenas um obstáculo de muitos que as meninas enfrentam.” A ativista jovem Chernor Bah descreve porque, para ele, a educação das meninas é a grande questão global do nosso tempo. Anita Haidary pinta uma imagem viva da razão pela qual ela cofundou o grupo de Mulheres Jovens para a Mudança no Afeganistão. Bukky Shonibare reflete sobre a campanha de mídia social #BringBackourGirls da Nigéria e Catalina Ruiz-Navarro escreve sobre a divisão de género e por que é importante. Nawal El Saadawi olha para trás sobre a sua vida como escritor e ativista e traz décadas de experiência para a longa luta pela justiça para meninas e mulheres. Jornalista e autor Sally Armstrong, um forte defensor para a superação ea nova energia desta geração de mulheres jovens, escreve de forma otimista sobre o potencial para a mudança.

Muitos dos nossos contribuintes vê os próximos anos como crucial para trazer a transformação histórica e significativa; o culminar de todos os esforços que vieram antes e, pela primeira vez na história que a sua dinâmica para os direitos das mulheres e meninas não será imediatamente seguido de folga. 2015 é um ano cheio de promessas e desta vez a promessa deve ser honrada.

Nós somos a geração da mudança

Por Sally Armstrong, ativista de direitos humanos, jornalista e autora premiada

Aí vêm as meninas. Para todos os pessimistas que afirmam que o movimento das mulheres é longo e que os jovens não se importam, eu tenho notícias. Eu encontrei-o como jornalista na Ásia e na África e na Europa e nas Américas, enquanto eu estava a pesquisar sobre o meu livro *Revolta: A Nova Era alvorece para a filha de cada mãe*. Há meninas e mulheres jovens de todo o mundo que estão a segurar uma luz clara e pura para todos verem. Estão a fazer perguntas que nunca foram feitas antes, como “Onde está escrito no livro sagrado que eu não posso ir para a escola?” E “se esta é a nossa cultura, me diga por que faríamos algo que é prejudicial a todos nós?” Elas estão a contrariar as afirmações religiosas falsas e contradições culturais que têm sido uma barreira

para as meninas ao longo dos séculos. Isso porque a terra começou a mudar devido ao estatuto das meninas. A boa notícia não significa que injustiças como o casamento forçado, o casamento de menores, assédio sexual e estupro, e espancamentos físicos têm sido relegados aos livros de história a que pertencem. Mas há um toque de clarim em todo o mundo alegando misoginia, extremismo, fundamentalismo e práticas prejudiciais devem ser responsabilizados porque essas ações provaram ser uma força negativa para a saúde e o bem-estar de metade da população mundial. Além do mais, são agora visto como prejudiciais a economia. Especialistas afirmam que esta mudança no estatuto social das raparigas e mulheres vai reduzir a pobreza, reduzir conflitos e transformar a economia ao redor. No passado havia um tabu para falar sobre questões como o abuso sexual e o casamento forçado. Se não se pode falar sobre isso, não se podem criar condições para mudar.

O processo de mudança é normalmente ousado, certamente demorado, invariavelmente caro, e, ocasionalmente, desolador, mas, eventualmente, um exercício muito gratificante... Uma das meninas com quem conversei disse: "Nós somos a geração de mudança. Nós temos o poder e um novo ponto de vista e vamos mudar o mundo - vai ver."

Iluminando o caminho

Por **Mariane Pearl**, Chefe de Redação da Campanha Chime para Mudança, jornalista e autora

Eu visitei 18 países para conhecer muitas mulheres diferentes e, desde então comecei a trabalhar como Redatora Chefe do Chime para a plataforma de contar histórias da mudança, eu tenho tido sorte em conseguir um espaço para as suas histórias. Principalmente registos na primeira pessoa que espero, crie uma mistura de vozes de mulheres e meninas com histórias diferentes.

Pessoas que passaram por muito e tornaram-se faróis de sabedoria. Cintilações fracas brilhando em toda parte, esperando que iluminar o caminho por si mesmos lhes permitirão iluminar os outros...

As mudanças que estão em curso são de fato inéditas a medida que as mulheres e meninas reivindicam os seus direitos às suas vidas, seus corpos e sua história. Mercês no Malawi decidiu tornar público, indo para o jornal nacional e dando-lhes uma história de primeira página: "Eu sou lésbica" espelhado na Primeira Página da "Malawi News" no dia seguinte. Mercês foi exorcizada, expulsa de casa e envergonhada por todos. No entanto, ela resistiu à tempestade, por causa da sua profunda crença no seu direito de escolher a sua sexualidade. Ninguém tinha feito isso antes neste país profundamente homofóbico. Nujood no Iêmen que, aos 10 anos de idade, obtém o divórcio, quebrando a tradição tribal ancestral. Malala, é Mayerli na Colômbia que, aos 15 anos, depois de ver a sua melhor amiga ser atingida a tiro à sua frente, criou um grupo de reflexão infantil para parar a violência. O medo dos cartéis de drogas, o nível de corrupção, a impunidade desenfreada, drogas e álcool feitos para a renúncia e a banalização da brutalidade.

Assim, as crianças se reuniram num poço de areia e chegaram à compreensão de que a violência começou em casa. Eles decidiram trabalhar em seus países e comunidade, promover o diálogo e a compreensão mútua. Eles se tornaram o primeiro grupo de crianças a serem nomeados para um prêmio Nobel da Paz. Estes heróis desconhecidos iluminaram o caminho a milhões de outros, armados com uma crença incondicional no direito dos seres humanos a viver como tal.

Precisamos de uma nova história econômica

Por **Katrine Marçal**, principal escritor editorial para o jornal sueco *Aftonbladet*, e autor de *Quem Cozinhou o Jantar de Adam Smith?*

A menina de 11 anos que anda 15 quilômetros todas as manhãs para apanhar lenha para a família desempenha um papel importante na capacidade do seu país para se desenvolver economicamente. Se não reconhecermos o seu trabalho, toda a nossa compreensão do que cria desenvolvimento econômico está em risco de estar errado.

O autor francês e feminista Simone de Beauvoir descreveu a mulher como "o segundo sexo". É o homem que vem em primeiro lugar. É o homem que conta. Ele define o mundo e mulher é "o outro", tudo o que ele não é, mas também no que ele é dependente de modo a que ele possa ser quem ele é.

Da mesma forma que há um "segundo sexo", há uma "segunda economia". O trabalho que é tradicionalmente feito por homens é o que conta. O trabalho das mulheres é "o outro". Tudo o que ele não faz, mas que ele é dependente de modo que ele pode fazer o que ele faz...

Toda sociedade deve de alguma forma criar uma estrutura de como cuidar de outras pessoas; caso contrário, nem a economia, nem qualquer outra coisa vai funcionar. Sem cuidados, as crianças não podem crescer e os doentes não vão ficar saudáveis. Estar sob o cuidado de outras pessoas é o meio através do qual aprendemos a

cooperação, empatia, respeito, autodisciplina e reflexão.

Estas são habilidades fundamentais da vida.

Quando as mulheres casadas no Ocidente entraram na força de trabalho, começaram a dedicar mais tempo para o tipo de trabalho que é contabilizado (trabalhar fora de casa) e menos tempo para o tipo de trabalho que não é contabilizado (trabalho doméstico). Isso aumentou dramaticamente o PIB no mundo ocidental.

Mas esse aumento foi certo?

Porque ninguém se preocupou em quantificar o trabalho doméstico, poderíamos ter sobrevalorizado o aumento real de riqueza. Os cálculos que fazemos hoje sobre quanta riqueza aumentaria se mais mulheres nas economias em desenvolvimento tivessem um trabalho remunerado pode estar errado pela mesma razão.

Precisamos de uma nova história econômica. Uma história que salienta a necessidade de mudança, sem ignorar as contribuições econômicas que as mulheres e meninas fazem hoje.

As meninas e as mulheres não são um recurso econômico inexplorado no mundo; o seu trabalho é a estrutura invisível que mantém as sociedades e economias juntas.

Mas elas não escolheram livremente esse papel. E elas não estão a ser pagas, compensadas ou reconhecidas por isso. Isso precisa mudar.

A coragem de sonhar

Por **Indra Nooyi**, Presidente e CEO da PepsiCo

Quando uma em cada cinco meninas adolescentes neste planeta são impedidas a uma educação porque a sua família não pode pagar as suas mensalidades escolares... porque ela foi vendida para a prostituição ... porque ela não é considerada digna de uma oportunidade de aprender - quando 62 milhões de meninas estão fora da escola, não estamos nem perto de realizar o potencial que as nossas jovens tem.^{4,5}

Porque a verdade é que, mesmo que as jovens tenham a coragem de sonhar alto, esses sonhos não têm nenhuma oportunidade de se tornar realidade a menos que sejam acompanhadas da liberdade de ir a escola dia sim, dia não. E mesmo que uma jovem mãe receba um empréstimo de microcrédito, apenas terá importância se ela tiver tempo e oportunidade de fazer crescer o seu negócio.

As imaginações das nossas filhas não devem ter limites, e não podemos descansar até que elas também tenham a oportunidade de realizar os seus sonhos.

Campeões da Mudança: trabalhar com jovens em toda a América Latina



"A sociedade nos diz que devemos ser machistas, duros, agressivos. Mas isso não está certo. Eu disse a mim mesmo que eu tinha o poder de mudar." Kevin, 16

"Acho que meu pai me bateu porque ele não conhecia outra forma de resolver as coisas: é o que lhe ensinaram." Kendir, 17

"Eles dizem que nós, os homens, temos que ser fortes, não podemos chorar, não podemos expressar os nossos sentimentos. Bem, a verdade é que estou apaixonado." Elmer, 17

"Uma professora me ensinou que nunca devemos perder a nossa dignidade. Eu sinto que tenho dignidade, eu sou diferente, sou livre." Yelsin, 17

⁴ UNESCO, GMR e UIS. 'O progresso de por todas as crianças na escola abranda, mas alguns países mostram o caminho a seguir.' "UNESCO, GMR e UIS, documento de orientação 14/ Ficha informativa 28, junho 2014. ⁵ Citacao de Indra Nooyi.

A educação das meninas é a questão global de direitos civis do nosso tempo

Por **Chernor Bah**, principal defensor da juventude para a educação global, associado da *Population Council*

Fui criada na Serra Leoa por uma mãe solteira ao lado de duas irmãs, num dos piores lugares do mundo para ser uma menina. A minha mãe separou-se do meu pai quando eu era nova e, desde então, trabalhou como professora de escola primária. Ela é educada. Mas o salário para uma professora como ela era - e ainda é - insignificante. Altamente consciente das circunstâncias das mulheres na Serra Leoa, ela teve de trabalhar arduamente e usar toda a sua energia e criatividade para enfrentar às despesas. Então, para complementar o seu baixo salário de professora, ela vendia tudo - pão, bolo, óleo de palma - o que ela (com a minha ajuda e das minhas irmãs) pudesse produzir com suas próprias mãos.

E porque ela era uma professora com um pouco de educação, e apesar de muitos desafios (incluindo um momento, fugindo do país como refugiados), ela entendeu o poder da aprendizagem. Isso faz-me um dos sortudos. Sem a compreensão da minha mãe no valor da educação, eu não teria a educação que tenho e não estaria onde estou hoje. É um pequeno exemplo de como educar uma mulher tem vários efeitos dominó para a sua família e para a comunidade em torno dela. Mas eu tive sorte de não apenas ter uma mãe esclarecida; Tive a sorte também para ser um menino. As minhas duas irmãs enfrentaram desafios que eu nunca tive que enfrentar: ameaças de violência sexual, homens que entram em contacto com eles e, mesmo quando as meninas eram bastante novas, pedindo-lhes para se casar com eles. A medida que fomos crescendo, havia sinais de muitas direções, sugerindo que as suas vidas pareciam importar menos, mesmo eu estando sempre convencido de que elas eram mais espertas do que eu. Em recordo, agora posso ver o que aconteceu: a sociedade passou tanto tempo dizendo-lhes, e às meninas como elas, que havia expectativas mais elevadas para mim só porque eu era um menino. As oportunidades eram, e são, contra elas.

O desafio da educação de meninas

Por **Julia Gillard**, a ex-primeira-ministra da Austrália, Presidente do Conselho da Parceria Global para a Educação (GPE)

A realidade na maioria dos países em vias de desenvolvimento a desigualdade de género é o obstáculo principal que muitas as meninas enfrentam.

A pobreza, deficiência, etnia, religião e localização geográfica (elas vivem em áreas rurais ou urbanas? São perto ou longe das escolas?) São poderosos fatores que determinam se uma menina obtém educação ou não. Se não estamos a tomar em conta esses e outros fatores não podemos cumprir a meta de educar todas as meninas.

Dito de outra forma, uma menina com deficiência de uma família pobre, rural e etnicamente desfavorecidas não tem praticamente nenhuma oportunidade de completar a escola primária, enquanto o quadro é mais encorajador para as meninas de uma família relativamente próspera numa área urbana. Como o Relatório de Monitoramento Global da educação para todos 2013/14 observou, "se as tendências recentes continuarem, os meninos mais ricos vão conseguir concluir o ensino primário universal em 2021, mas as meninas mais pobres não vão conseguir até 2086."⁶

Temos que direcionar as abordagens que se concentram não apenas em meninas, mas também num conjunto complexo de necessidades, a fim de não deixar muitas meninas presas na pobreza. O financiamento deve concentrar-se em vários fatores que impedem as crianças - geralmente as mais difíceis de alcançar, como as raparigas, as que vivem em áreas remotas, e aquelas que são de grupos marginalizados ou pessoas com deficiência - fora da escola...

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que irá suceder os ODM, no final de 2015 devem aspirar a proporcionar a equidade em todos os níveis da educação, levando adiante o trabalho inacabado da educação universal, especialmente para as crianças que são muito pobres, aqueles que vivem nas regiões frágeis e remotas, zonas de conflitos as crianças com deficiência e, claro com ênfase as meninas.

Mas o que significa "proporcionar equidade em todos os níveis da educação"? Como saberemos quando tivermos chegado a esse ponto? Nós saberemos quando todos os meninos e meninas forem capazes de ir a uma escola para uma educação de qualidade. Quando existirem edifícios escolares suficientes; em funcionamento, sistemas de educação sustentáveis; disponibilidade suficiente de professores qualificados, particularmente professoras, quando é são considerados importante o acesso das meninas a; livros didáticos de qualidade e outros materiais didáticos; e escolas gratuitas que removem as barreiras financeiras para educar as meninas. Saberemos também quando todas as famílias e as comunidades considerarem a educação de meninas como essencial para o seu desenvolvimento pessoal e para o futuro e bem-estar das suas sociedades.

6 UNESCO. 'Relatório de Monitoramento Global de Educação para todos 2013/14. Ensino e Aprendizagem: alcançar qualidade para todos.' UNESCO, 2014.

Espero e sonho por um dia

Por **Anita Haidary**, ativista para os direitos das mulheres afegãs e co-fundadora da Mulheres Jovens para a Mudança (YWC)

Anseio pelo momento em que eu possa sentar-se num parque e ler um livro. Essas coisas podem parecer tão simples, mas a vida é sobre coisas simples. São as coisas pequenas que fazem as mulheres se sentirem fracas; se eu quiser um gelado tenho que esperar que o meu pai venha para que possa levá-lo a comprar. É claro, posso ir sozinha, mas preferiria não ir porque sons e vaias vão ecoar nos seus ouvidos durante horas. Pode ficar sério quando meninas e mulheres jovens não estão autorizadas a irem mais para a escola, porque são seguidas por homens estranhos. E é sempre a nossa culpa.

As minhas amigas e eu encontramos-nos com mais frequência agora, porque eu trabalho e posso pegar um táxi. Isso era impossível há cinco anos. Se eu quisesse visitar as amigas tinha que esperar que o meu pai me desse boleia. Não é que as mulheres não podem andar, mas elas têm que se acostumar a serem tocadas, chamadas nomes, e observadas. Não é fácil, a batalha constante e interminável esgota-nos e, finalmente, a opção mesmo de não sair. Mas para mim, desistir não é uma opção.

Espero e sonho por um dia, e eu sei que vai se tornar realidade, onde todas as mulheres e meninas sejam respeitadas e tratadas como seres humanos não porque são mães, irmãs e esposas, mas porque elas são humanas. É o direito a dignidade para serem respeitadas como seres humanos. Isto é o que o grupo de Mulheres Jovens para a Mudança defendem: o respeito pela capacidade, habilidade, conhecimento e poder de decisão das raparigas e das mulheres.

A maior causa de nosso tempo

Por **Liya Kebede**, supermodelo e *designer*, fundadora da Fundação Liya Kebede para as mães

Todos os dias, no mundo inteiro as jovens mães, como as apresentadas na fotografia abaixo enfrentam um dia cheio de exigências extraordinárias com resistência incrível e esperam que o futuro reserve algo melhor. É a maior causa de nosso tempo, ver o que o futuro reserva.



PLAN INTERNATIONAL

Camarões

Fatou e a sua filha de dois anos de idade, saem da tenda que partilham com outras cinco famílias num complexo hospitalar que virou centro de refugiados. Ela procura pequeno-almoço que irá sustentá-la para o longo dia pela frente. Quando o conflito chegou a sua aldeia na República Centro-Africana, a mãe de 15 anos fugiu, a pé por 600 quilômetros sob a constante ameaça de violência. Ela não sabe onde está o resto da sua família. A clínica oferece serviços de saúde materna e saúde infantil-que são cruciais para meninas deslocadas como ela.

Vietname

Quy e seu marido casaram-se em idade jovem, como muitos outros casais adolescentes no Vietname rural. O seu marido foi morto num acidente quando o seu filho tinha apenas três meses de idade e ela voltou a morar com seus pais. É hora da cama para o seu filho Chi. Ela adora essa hora da noite com ele. Durante o dia, ela trabalha nos campos de plantação de milho e colhendo legumes e a sua irmã mais nova Thien, cuida do filho. Ela se sente sortuda por estar cercada pelos pais e irmãos amorosos. Ela pergunta o que será a vida para o seu filho crescer sem um pai. "Eu não vou casar-se novamente. Vou dedicar a minha vida ao meu filho."



PLAN INTERNATIONAL

O poder do patriarcado

Por **President Jimmy Carter**, 39 Presidente dos Estados Unidos da América (1977-1981) e fundador do Centro Carter, que trabalha para promover a paz e a saúde em todo o mundo

É o momento para os homens e meninos reconhecerem o papel que devem desempenhar na igualdade de gênero e juntarem-se as vozes e ações das mulheres e meninas que estão a tentar remodelar a sociedade para o interesse de todos nós.

Os homens detêm o poder em muitas das instituições que nos governam, e essas instituições precisam mudar as atitudes que as sustentam na sua forma atual. A maioria das sociedades foram moldadas pela doutrina religiosa

mandatada pelas autoridades do sexo masculino, por isso, atitudes e sistemas que promovem a dominação masculina se tornaram a norma. Tal doutrina veio de líderes religiosos que distorceram escrituras religiosas por textos que retratam mulheres como inerentemente inferiores ou subservientes aos homens.⁷ Juntamente com tais sistemas patriarcais, a violência na sociedade também se tornou normalizada.⁸

A minha nação, os EUA, e outros países aceitam a violência como uma forma de resolver problemas – do uso da pena de morte e encarceramento em massa para enfrentar o crime, à guerra preventiva e injusta no exterior. Muitas estruturas sociais são construídas em torno da expectativa de violência, e isso é ilustrado pela existência de brutalidade na família. A violência contra as mulheres e meninas acontece com demasiada frequência, desde violência pelo parceiro íntimo a honrar assassinatos. Igual dignidade é um direito humano, conforme consagrado em muitos tratados internacionais. A minha esperança é que os líderes políticos e religiosos deem um passo adiante e usem a sua influência para comunicar de forma clara que a violência contra as mulheres e meninas deve parar, que estamos a trair as nossas sociedades, e que o tempo para a liderança é agora.

O movimento #BringBackOurGirls

Por **Bukky Shonibare**, Consultor de Recursos Humanos e Estratégia na Nigéria. Ela também é um membro da equipa estratégica do movimento #BringBackourGirls em Abuja

Após o rapto das alunas Chibok, o movimento #BringBackourGirls irrompeu como uma resposta indignada dos cidadãos, principalmente mulheres / mães, que estão fartas das mortes de crianças inocentes e indefesos...

Em pouco tempo a hashtag ganhou impulso. As pessoas perceberam que as meninas poderiam ser suas próprias filhas, sobrinhas, irmãs, ou mesmo vizinhas. O mundo juntou-se e respondeu. Com a população da mídia social que abrange os governos, a comunidade internacional, instituições, jornalistas, agências de notícias, atores-chave/influenciadores e políticos, a mensagem rapidamente percorreu todos os cantos do mundo. Respondedores acreditavam que seus rostos e o placard #BringBackourGirls faria algo; tanto assim que a solidariedade e apoio vieram de todos os quadros de pessoas e países.

Celebridades se revezaram para ser contadas - de cantores como Alicia Keys aos líderes mundiais, como o primeiro-ministro britânico David Cameron, Secretário de Estado dos EUA John Kerry e a sua antecessora, Hillary Clinton, primeira-dama dos EUA, Michelle Obama e a ativista de educação adolescente paquistanesa, Malala Yousafzai, não esquecendo celebridades e personalidades nigerianas. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, também ouviu e agiu enviando uma equipa de especialistas à Nigéria para avaliar a situação e aconselhar sobre a ajuda que o governo americano poderia proporcionar. A revista *Time* relatou que “duas semanas após a sua primeira utilização, #BringBackourGirls reuniu mais de dois milhões de menções”.



PLAN INTERNATIONAL

Então, qual foi o impacto real do #BringBackourGirls? Uma vez que o frenesim começou a baixar, as pessoas começaram a perguntar: até onde pode ir um simples hashtag para trazer de volta as meninas? O que queremos dizer com sucesso? Afinal, as meninas ainda estavam desaparecidas. No entanto, os ativistas no terreno na Nigéria que têm sido os principais ativistas acreditaram, e ainda o fazem, porque a campanha atraiu tanta atenção, a conversa vai continuar. Os holofotes em si terão feito a diferença. Ao longo do tempo, a campanha, enquanto continua a exercer pressão para trazer de volta as nossas meninas, evoluiu para o ponto de convergência da nossa humanidade partilhada e empatia para as vítimas de violência e intolerância, sem voz.

Devemos tornar-nos cibernautas

Por **Catalina Ruiz-Navarro**, Jornalista colombiana e feminista, nascida nas Caraíbas e sediada na Cidade do México

A história humana, a cultura e o conhecimento são formados por um conteúdo que define a maneira como vemos o mundo. Tradicionalmente, a história tem sido escrita pelos poucos privilegiados e as grandes faixas da população são marginalizados. Eles não produzem conteúdo e, portanto, não influenciam a criação da cultura. Mesmo que estes grupos tenham liberdade de expressão, não a exercem, e isso perpetua e reforça os mesmos padrões que mantêm os mesmos grupos no poder e reproduz as mesmas desigualdades e injustiças...

A internet abriu as portas para a minha carreira, mas no caminho eu também sofri pessoalmente *bullying online*, os ataques constantes de *troll*, as tentativas de campanhas de difamação e comentários agressivos. A internet pode ser tão má como poder ser boa. Em 2013, na cidade de Medellín, por exemplo, virgens de 12 anos de idade, estavam a ser leiloadas numa página web usando números PIN. Foi relatando histórias como esta que eu aprendi que as vulnerabilidades do mundo real, a violência e o machismo, se estendem ao mundo virtual. Os mesmos predadores que espreitam as presas e se envolvem em tráfico de seres humanos têm uma forte presença na mídia social; práticas inadequadas de segurança e de proteção de dados digitais, além de não terem conhecimento suficiente sobre os perigos, pode deixar as meninas expostas e vulneráveis.

Mas, como raparigas e mulheres jovens, não devemos contentar em ser “vítimas cibernéticas”, devemos nos tornar “cibernautas” e a hostilidade da internet, em vez de nos intimidar, deve permitir-nos ocupar espaço na web. Aproveitando a posse da tecnologia é uma importante maneira de lutar e se fortalecer. A mídia digital pode ser sobre a comunicação, a solidariedade, a diversidade, e a defesa dos direitos das meninas e das mulheres.

Há ainda uma esperança

Por **Nawal El Saadawi**, escritor, médico e defensor dos direitos das mulheres

A falta de auto-confiança de uma menina deve-se à formação social e religiosa e as restrições intelectuais impostas a ela desde a infância. Isso leva à baixa auto-estima e leva as meninas a sentirem-se fisicamente, psicologicamente e mentalmente fracas. Assim, aceita as ordens cegamente e obedece. Ela aceita e internaliza todas as características de gênero atribuídas a feminilidade, como a timidez, estupidez, certos tipos de beleza e ternura feminina.

Eu poderia ter perdido a minha auto-confiança e a minha mente completamente por causa disso. Eu poderia acabar vivendo na parte inferior da escala social, como a maioria das meninas da minha geração, se não fosse pela minha mãe, que conseguiu preservar parte da sua própria rebeldia de infância. Ela aspirava, para mim, uma vida melhor do que o que ela tinha levado. Ela sussurrou no meu ouvido, dizendo: “O inferno não existe”.

A minha mãe insistiu para que eu continue com minha educação universitária na Faculdade de Medicina. Ela recusou a fazer-me ficar em casa para ajudá-la na cozinha, como o meu pai aconselhou. A minha mãe tinha toda a fadiga e os dedos com manchas resultado de lavar os pratos para nove filhos e o seu pai, apenas para que eu pudesse continuar com minha educação superior... por experiências dolorosas no amor, casamento, divórcio e maternidade, eu superei a cultura e as normas dos meus pais e a nossa sociedade patriarcal e hierarquizada.

Eu não limito o que eu leio para o currículo imposto pelo nosso governo opressivo, não só na escola, mas na sociedade em geral; graças a minha leitura livre, eu cresci, evolui e reconheci quão falso esses opostos são: masculino/feminino, mente/corpo, céu/terra, Deus/Demónio, espiritual/material, preto/branco, dono/empregado ou patrão/escravo... ainda há uma esperança no futuro que não se desvaneceu ou extinguiu. Esta esperança se reflete nos movimentos de jovens de todo o mundo. A revolução continua, apesar de ser dispersos. Continua a procurar alcançar os seus quatro objetivos da Liberdade, Independência, Justiça e Dignidade.

⁷ Carter, J. 'uma chamada à ação: a religião, as mulheres, a violência e o poder.' Nova Iorque: Simon e Schuster, 2014.

A evidência: questões e ideias críticas das meninas para a mudança

Desde o primeiro relatório do “Estado das meninas do mundo”, a Plan internacional comprometeu-se a construir a base de evidências sobre os direitos e as realidades das meninas. Começamos com um estudo longitudinal - “escolhas reais, Vidas reais” – que está a seguir um pequeno grupo de meninas em nove países desde o seu nascimento em 2006. Hoje, essas meninas tem nove anos de idade e as suas vidas iluminam o nosso trabalho. Uma base de evidências sobre as meninas é muito importante – para equipar defensores em todos os lugares com ideias frescas e dados sobre a situação e poder de meninas; para informar os programas que criam mudança a longo prazo para meninas e meninos; e para estimular novos investimentos e vontade política através de partes interessadas convencidos pelos dados que demonstra as realidades da vida das meninas.

Para este relatório, a Plan internacional, trabalhando com Ipsos MORI, também encomendou uma pesquisa com 4.219 meninas em quatro países - Equador, Nicarágua, Paquistão e Zimbábue. Fizemos perguntas específicas em quatro áreas que milhares de meninas adolescentes nesses países haviam identificado num estudo de pesquisa anterior, “Ouçam as nossas vozes”, como as questões mais urgentes nas suas vidas. No estudo contínuo deste ano, “as meninas protestam”,⁹ perguntamos as meninas sobre as suas perspectivas sobre a violência de género na escola e na comunidade, sobre o casamento precoce e a gravidez precoce.

“Se eu tivesse tido informação suficiente, então eu não iria ficar grávida; Eu não tenho tido informação suficiente, por isso que engravidei em idade precoce. Tenho 19 anos de idade e tenho uma filha pequena. Eu gasto todo o meu tempo a cuidar dela. Eu quero estudar mais.”

Menina, Paquistão

Mais importante ainda, essas 4.219 meninas em três continentes foram perguntadas o que poderia ser feito para combater os desafios que enfrentam, e para identificar quem deve ser o principal responsável para certificar-se de que algo irá, de fato, ser feito. A jovem mulher no Paquistão, que disse “as meninas devem tomar as suas próprias decisões sobre as suas vidas. Elas devem receber uma educação adequada e tanto os membros do governo como da família devem concordar sobre isso” aponta claramente onde a ação para a mudança deve começar e quem os atores-chave devem ser. A medida que examinamos os resultados da investigação primárias de “as meninas protestam”, encontro um consenso claro em muitas áreas. Os participantes de quatro países diferentes disseram-nos inequivocamente que as adolescentes estão cada vez mais valorizados nas suas comunidades do que antes, e que a grande maioria, 88 por cento, concorda que as meninas têm mais oportunidades na vida do que as suas mães tiveram.

Portanto, há progresso. Mas a vida real das meninas, como também soubemos pela nossa pesquisa, ainda demonstram uma significativa falta de igualdade e oportunidade. Um grande número de meninas em todos os quatro países, disseram-nos que têm pouco controlo sobre as decisões que determinam o seu destino, que precisam de mais informações para evitar o casamento e gravidez precoce, e que não têm confiança para se defender como gostariam de ter. Apenas 37 por cento acreditam que elas são muitas vezes ou sempre dadas as mesmas oportunidades que os rapazes.

Ao longo das respostas das meninas, a violência ou o medo da violência, é um tema abrangente e as meninas consistentemente veem casamento precoce ou forçado como um fator no aumento do risco de violência, com 68 por cento dizendo que as meninas que se casam jovens são mais propensas a sofrer violência no lar.

⁹ Para o relatório de investigação completo, ver plan-international.org/girls

Assumir a responsabilidade para a mudança

Ao longo da pesquisa, é impressionante ver que as meninas são obrigadas a mudar as suas vidas para melhor, como uma responsabilidade, em grande parte, de elas mesmas e das suas famílias ao invés do governo ou comunidade e líderes religiosos. A única exceção a esta, é a forma como vêm o papel da polícia como crítica na proteção das meninas contra a violência. A primazia da família em perpetuar a desigualdade de género é muitas vezes ignorado e que acontece na privacidade dos lares e corações das pessoas é, naturalmente, difícil saber e, portanto, difíceis de mudar. As meninas com que falamos para refletir esse dilema; olham para a sua própria emancipação, mas elas precisam das suas famílias para sustentar e valorizá-las para serem capazes de falar, ser ouvidas e se tornar cidadãos de pleno direito, com igualdade de direitos e responsabilidades.

“Eu aconselharia as meninas: a conversar com seus pais, dizer-lhes que se sentem sozinhas, pedir-lhes para falar com elas.”

Menina, Nicarágua

Encontrar algumas respostas

Como testemunhas especialistas, as jovens com quem falámos disseram-nos de forma inequívoca o que precisa ser feito. Então, o que eles querem em resposta às injustiças que enfrentam?

- As meninas querem que os seus pais conversem com elas e as oiçam mais e para apoiá-las mais: 53 por cento das meninas nos quatro países, priorizaram atitudes de apoio da família e da comunidade em relação às meninas que engravidam.
- Eles querem que o problema da violência seja reconhecida e combatida pelas suas comunidades e as autoridades nacionais; 47 por cento queria alguém de confiança com quem podiam falar em caso de violência ou abuso.

“As meninas devem ter linhas de comunicação abertas para se sentirem livres e para relatar assuntos de abuso e realmente ver progressos, como a prisão dos perpetradores, pois isso dar-lhes alguma forma de consolo. Os Brigadas de vítima da polícia devem ter mais mulheres, à medida que as vítimas acham difícil expressar os seus sentimentos com os homens.”

Menina, Zimbábue

- Em relação à gravidez precoce, o casamento precoce e violência baseada no género, as meninas querem informação e comunicação na escola, em casa e nos meios de comunicação. Isto foi priorizado acima de qualquer forma de legislação ou alteração de política.
- Programas de educação, espaços seguros, campanhas de sensibilização, quebrando tabus, a construção de confiança, “chamando a polícia e quebrar o silêncio” e, como uma menina no Paquistão colocou, “a educação sobre auto-estima” foram realçados varias vezes.
- 64 por cento das meninas no Zimbabwe priorizaram a oportunidade para jovens mães completarem o ensino secundário.

São essas vozes que devem ser ouvidas pelos decisores políticos e legisladores se o empoderamento das mulheres e meninas é para ser a chave para o futuro sucesso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

“Gostaria de organizar reuniões com todas as mulheres da minha idade para fazer manifestações e marchas sobre os direitos das mulheres, para partilhar informações e para falar sobre temas considerados pela sociedade como tabus, falar abertamente.”

Menina, Equador

No geral, o quadro que emerge da vida das meninas e as suas soluções para os desafios que enfrentam é de grande complexidade. Grande parte da evidência que temos demonstra as lacunas no terreno e a importância de realmente entender o que é para que estamos a falar. Todas as meninas têm direitos, mas o seu caminho para realizá-los será diferente de acordo com sua classe, idade, localização, vida familiar, deficiência e orientação sexual. A partir da nossa própria pesquisa, é evidente que existem diferenças de país para país e, dentro dos países, de região para região. O contexto de discriminação pode ser tão importante na concretização de mudanças transformadoras como o fato da própria discriminação.

Por Ser Menina

Este ano, as vozes do relatório falam de esperança, oportunidade renovada e a potencial transformação da vida das meninas. Mariane Pearl fala por muitos quando ela diz: “Eu já li, vi e ouvi centenas de histórias de mulheres e meninas e eu nunca falhei em encontrar uma vontade de encontrar a mudança, muitas vezes a elevados custos pessoais, para o bem dos outros... as mudanças que estão em curso são de fato sem precedentes como as mulheres e meninas reivindicam os seus direitos às suas vidas, os seus corpos e à sua história.”

Não há nenhuma bala mágica ou uma solução universal, mas o progresso tem sido feito e nos próximos anos, podemos e devemos ouvir as meninas à medida que protestam. Na Plan internacional nos próximos anos, nós comprometemos a trabalhar com meninas, mulheres, meninos e homens, pelos direitos das meninas; para fazer campanha ao lado delas, para projetar programas que tenham escutado as suas necessidades e opiniões e priorizar a educação que elas valorizam. “Por Ser Menina” é agora o *banner* para a mudança, não a razão pela qual aprendem menos, comem menos e são menos valorizadas. Em 2007, uma menina de 15 anos de idade no Nepal disse-nos que, apesar de todos os seus esforços, os seus pais “só tem elogios para o meu irmão”. Nos próximos anos, devemos assegurar que a sua filha, e as meninas em todos os lugares, nunca irão dizer essas palavras.